

## O conflito Palestino-Israelense

O sistema de Estados-nação do Oriente Médio e suas conseqüências na política externa brasileira foram postos em debate, durante o simpósio organizado em 2003 pelo grupo de pesquisadores do **Observatório das Nacionalidades**.<sup>1</sup> O evento não se limitava a mera exposição dos fatos e das razões do conflito mas se estendia ao desenho das relações internacionais após as ocorrências de 11 de setembro de 2001. Para enfrentar esse tema complexo, o **Observatório das Nacionalidades** convidou três protagonistas de peso: Sarkis Karmirian, chefe do Departamento do Oriente Próximo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil; Bassam Abu-Sharif, assessor do então presidente da Autoridade Nacional Palestina, Yasser Arafat; Daniel Gazit, embaixador do Estado de Israel no Brasil.

Na abertura do evento, o ministro Sarkis Karmirian apresentou a palestra intitulada "A política externa brasileira para o Oriente Médio". Demonstrando uma larga experiência profissional à frente de várias representações brasileiras, enfatizou a importância geo-econômica da região para uma atuação brasileira multilateral, particularmente após o desfecho da era dos grandes fluxos internacionais. Sugeriu que uma

---

<sup>1</sup> Simpósio promovido pelo **Observatório das Nacionalidades** (à época, Observatório Internacional), em Fortaleza, nos dias 22 e 23 de outubro de 2003, com apoio do BNB, CNPq, CIC (Centro Industrial do Ceará), FIEC (Federação das Indústrias do Estado do Ceará) e Ideal Clube. O texto das palestras, seguidas de debate, proferidas por Sarkis Karmirian, Bassam Abu-Sharif e Daniel Gazit foi extraído das gravações feitas durante o evento.

política externa autônoma acentada numa multiplicidade de parceiros comerciais facilita uma globalização econômica e cultural mais saudável, permitindo independência maior na arena internacional e benefícios consideráveis para o financiamento do desenvolvimento interno.

O tom diplomático do ministro Karmirian refletia a sua longa jornada dentro da diplomacia brasileira. Nascido em 1948 no Rio de Janeiro e formado pela Escola de Filosofia e Educação da Universidade Estadual de Guanabara, ingressou no Itamaraty em 1974. Por mais de três décadas, ocupou diversas funções de destaque, tanto no país como no exterior. Assumiu postos diplomáticos na Argélia, Itália, Angola, Inglaterra e Portugal. No Brasil, ocupou numerosos cargos no Itamaraty: subsecretário geral do Departamento de Assuntos Políticos Multilaterais e Especiais, coordenador executivo do Gabinete do Ministro do Estado das Relações Exteriores, chefe da Coordenação-Geral da Divisão de Acompanhamento de Implementação das Decisões da Cúpula das Américas e chefe de gabinete do Subsecretário da Política Bilateral. Nomeado pelo governo brasileiro, participou como delegado nos encontros das Comissões Mistas de Cooperação Teuto-Brasileira, Hispano-Brasileira e Brasileira-Italiana. Em 2003, o ministro Karmirian foi designado chefe do Departamento do Oriente Próximo no Itamaraty, posto mais elevado de coordenação da política externa brasileira na região.

No segundo dia do evento, os dois protagonistas principais do conflito na região apresentaram suas considerações perante uma platéia composta de representantes dos movimentos sociais, sindicalistas, professores universitários, políticos, empresários e estudantes. Durante duas horas, o representante palestino Bassam Abu-Sharif e o embaixador israelense Daniel Gazit ofereceram um retrato diferenciado de visões do mundo, expectativas e aspirações nacionais dos palestinos e israelenses. Era um momento ímpar para a audiên-

cia conceber a complexidade do conflito, mas também as possibilidades de reconciliação pacífica entre os dois povos. A palestra de Bassam Abu-Sharif relatou os propósitos do “Movimento palestino e o sistema de Estados-nação no Oriente Médio”, enquanto Gazit centrou-se na temática “o Estado de Israel e a dinâmica política regional”.

Além das divergências nas visões do mundo, Abu-Sharif e Gazit vêm de trajetórias distintas. Enquanto Daniel Gazit se projetou como um dos diplomatas israelenses mais experientes em assuntos latino-americanos, Bassam Abu-Sharif representa para o povo palestino um dos ícones das suas lutas pela autodeterminação nacional. Era inevitável ter dois discursos políticos opostos, o do palestino inspirado nas lutas pela autodeterminação dos povos, enquanto para o israelense a preocupação era com a segurança, a preservação do Estado israelense e o terrorismo.

Daniel Gazit nasceu em outubro de 1947. É formado em História e Ciência Política pela Universidade Hebraica de Jerusalém e participou como editor de História na Nova Enciclopédia Hebraica. Em 1973, foi cadete no Ministério das Relações Exteriores e, de 1975 a 1977, assistente do Departamento Econômico da Prefeitura de Jerusalém. A sua atuação internacional começou ao deixar o governo municipal, assumindo seus primeiros cargos nas representações externas do governo israelense: segundo secretário da Embaixada em Nicósia, capital de Chipre, e consul geral em Macei, na França, entre 1979 e 1982. Em 1983, retornou a Jerusalém como assistente senior da Vice-Diretoria Geral dos Negócios Econômicos e Cooperação Internacional.

Em 1985, Daniel Gazit começou sua carreira diplomática na América Latina, inicialmente como primeiro secretário da Embaixada Israelense em Lima, Peru, e posteriormente como embaixador em La Paz, Bolívia, entre 1991 e 1994. Em 1995, foi convocado de volta a Jerusalém como formulador da polí-

tica externa israelense para o cone sul, dirigindo a Divisão da América Central e do Caribe no Ministério das Relações Exteriores. A sua experiência na região o credenciou a assumir o posto de Embaixador no Brasil a partir de agosto de 2001.

Diferentemente do percurso institucional do diplomata israelense, o palestino Bassam Abu-Sharif vem de um passado militante e jornalístico. A sua biografia se confunde com a história contemporânea do Oriente Médio, seus conflitos políticos e surgimento de suas principais ideologias políticas. Nascido em Jerusalém em 1946, Bassam não poderia se distanciar do abalo sofrido por uma nação destituída dos seus direitos de existência autônoma entre as nações livres.

Concluídos os seus estudos secundários na Escola Lasselie, em Jerusalém, viaja rumo à Universidade Americana de Beirute, ironicamente o berço do pensamento progressista no mundo árabe. Na década de 1950 essa instituição atraiu milhares de entusiasmados jovens num dos momentos mais decisivos de sua história política contemporânea. Era uma década marcada pelas revoluções sociais, lutas pela autodeterminação nacional e o nacional-desenvolvimentismo. Nos seminários do historiador Costantin Zureik, pai ideológico da esquerda árabe, se aglutinavam os jovens universitários, debatendo temas polêmicos, tais como: libertação nacional, violência revolucionária, colonialismo, democracia, socialismo, unidade e luta. Desses debates, brotou um dos pilares políticos anticoloniais do mundo árabe: o movimento dos nacionalistas árabes.

A derrubada da monarquia egípcia em 1952, por jovens tenentes oriundos de uma aliança entre o campesinato egípcio e as classes médias urbanas, transformou o movimento dos nacionalistas árabes de um simples “clube” intelectual num movimento político de massa. A nacionalização do Canal de Suez em 1956 atçou os ânimos do nacional-desenvolvimentismo. Foi em 1961, porém, com os decretos socia-

listas de Naser (reforma agrária radical, estatização da grande indústria e educação pública e gratuita) que o movimento dos nacionalistas árabes assumiu o socialismo como ideologia oficial. Bassam ingressou no movimento nesse intervalo e se tornou uma de suas principais lideranças estudantis.

A guerra de 1967 provocou intenso debate e uma cisão interna no movimento. Um grupo permaneceu fiel ao socialismo terceiromundista, inspirado nas obras de Franz Fanon e nas revoluções argelina, cubana e vietnamita; o outro optou por ingressar numa linha marxista-leninista, procurando constituir um partido revolucionário que derrubasse os regimes “neocoloniais” na região e estabelecesse um socialismo clássico. O jovem Bassam, junto com ícones do marxismo palestino, tais como Wadi Haddad, George Habash, Ghassan Kanafani, Naeif Hawatmeh, entre outros, fundaram a Frente Popular pela Libertação da Palestina, o principal movimento da esquerda palestina de inspiração marxista-leninista. Da sua agenda, desapareceu como objetivo a unidade do mundo árabe, ingressando a luta pelo socialismo como o caminho para a libertação nacional.

Um ano após a criação da Frente Popular, em 1968, milhares de jovens sonhadores invadem as ruas das principais capitais mundiais e estabelecem um novo padrão de prática libertária. A incapacidade do movimento estudantil em provocar uma reação nas classes populares levou a juventude mundial ao “foquismo”, uma tendência assumida pela Frente Popular nas suas lutas políticas contra a ocupação israelense da Cisjordânia, Gaza e Jerusalém Leste. O governo israelense reagiu com a política de assassinatos de lideranças palestinas. Em julho, um atentado do Mossad tirou a vida do escritor Ghassan Kanafani, editor do periódico *Al-Hadaf*, principal revista da esquerda palestina. Uma semana após, o segundo atentado deixou Bassam Abu-Sharif parcialmente cego e com seqüelas físicas permanentes. Nas palavras do poeta Mah-

mood Darwish, Bassam é um mártir vivo da causa palestina, uma personificação da luta de um povo pela liberdade.

Membro do Conselho Nacional Palestino, o parlamento em exílio, Bassam tornou-se vice-presidente da União dos Escritores Árabes. Na invasão israelense em Beirute, sob o comando de Ariel Sharon, em 1982, ele era porta voz das forças palestinas unificadas. Nesse momento, percebeu que a permanente militarização do conflito palestino-israelense fortalecia as forças conservadoras na região. Essa constatação o levaria a um gradual distanciamento da linha oficial da Frente Popular a partir de 1987.

Em 1988, Bassam Abu-Sharif lançou uma carta de princípios, conhecida posteriormente como “Documento Abu-Sharif”, num dos mais polêmicos pronunciamentos da década de 1980. Nessa formulação, eleva a autodeterminação dos povos para um princípio universal compartilhado por palestinos e israelenses. A paz e a convivência pacífica entre as nacionalidades, para Abu-Sharif, se transformam na arma mais potente da libertação dos povos oprimidos. No documento de sua autoria, escreveu:

Nenhum povo compreende no seu subconsciente o sofrimento milenar do povo judeu como as massas palestinas. Percebemos coletivamente o significado do estereótipo, da perseguição e do medo. Sentimos como nação a desigualdade que transforma seres vivos em sujeitos desiguais negados seus direitos naturais inalienáveis. Os povos, sejam palestinos ou judeus, merecem uma vida digna com esperança. Acreditamos que a autodeterminação implica numa busca da convivência e da cooperação entre os antigos beligerantes. Eis o fundamento de uma paz perpetua, a verdadeira inspiração da segurança entre as nações.

O “Documento Abu-Sharif” estabeleceu nova agenda política do movimento nacional palestino, pautada num reconhe-

cimento mútuo da legitimidade de Estados nacionais na Palestina histórica. Perante a Assembléia Geral da ONU, em 1988, e influenciado na carta de princípios de Bassam, Yasser Arafat reiterou a renúncia da violência como um meio para resolver a questão palestina.

Na década de 1990, Bassam continuou os seus esforços para provocar uma aproximação entre duas posições beligerantes. Em 1991, a pedido de Yasser Arafat, deslocou as suas atividades diplomáticas aos países escandinavos. Convidado pelo primeiro ministro norueguês, Thorvald Stoltenberg, um velho conhecido, Bassam Abu-Sharif em agosto de 1992, coordena com o então ministro das relações exteriores da Noruega, Jan Egeland, a abertura de um canal clandestino de negociações diretas com Isaac Rabin. Aceito o canal de negociação, Mahmood Abbas (Abu Mazen), atual presidente palestino, assume a direção das negociações que levaram ao acordo histórico de Oslo, em 1993, e à criação da ANP (Autoridade Nacional Palestina).

Em 1995, junto com Uzi Mahnaimi, ex-oficial da Unidade 154, serviço de contra-inteligência israelense, publicam as suas memórias, *The Best of Enemies* (Os Melhores dos Inimigos), um dos relatos mais importantes dos conflitos clandestinos, das negociações secretas e dos mecanismos internos da tomada de decisões políticas no Oriente Médio. Bassam Abu-Sharif reside atualmente em Ramallah e é um dos columnistas mais lidos da imprensa árabe. Continua defendendo o caminho da autodeterminação nacional dos dois povos apesar da permanência da ocupação militar e a manutenção de milhões de palestinos encarcerados nos miseráveis campos de refugiados.

A audiência cearense teve rara oportunidade de observar as divergências e as convergências dos principais protagonistas do conflito palestino-israelense e as possibilidades de uma diplomacia brasileira ativa na região trabalhar em prol

da paz e conciliação dos povos. O evento foi pautado por um debate franco sobre temas polêmicos da nossa atualidade, tais como: multilateralidade, papel dos Estados-Nação, segurança internacional, terrorismo, autodeterminação dos povos, etc. Apesar do evento ter revelado uma veemente discórdia sobre o futuro do conflito entre os dois povos, todavia, confirmou que a paz é uma obra da vontade política de respeitar as diferenças, repelir as hierarquias e buscar as igualdades.

**Jawdat Abu-El-Haj**<sup>2</sup>

### **A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA PARA O ORIENTE MÉDIO**

**Sarkis Karmiriam**

Nossos consulados no Oriente Médio, como o do Líbano, são dos mais antigos. O Irã, neste ano de 2003, completa 10 anos de relações diplomáticas com o Brasil. As relações com o Egito e com o Líbano datam da década de 1920, Síria e Israel de 1940, Jordânia de 1950, Arábia Saudita, Iraque e Kuwait de 1960. O mercado árabe é muito importante. Num ligeiro panorama sobre a economia mundial, vemos um processo de desaceleração, provavelmente, resultado de uma política protecionista arraigada e de uma guerra de subsídios sem precedentes. O Brasil, desde o ano de 2001, em face dessa conjuntura internacional, adotou também uma política cambial que atendesse aos nossos interesses, favorecesse as exportações em detrimento das importações, faltando-nos apenas a ampliação de mercados e a introdução de novos produtos em nossa pauta exportadora. Aí está o foco do Oriente

---

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade da Califórnia e professor do Departamento de Ciências Sociais da UFC.



Médio como possibilidade de ampliação de mercados. Ao contrário dos Estados Unidos e da Europa, o mercado árabe é livre de protecionismo, de barreiras tarifárias e, portanto, uma área muito disputada pelos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, significando que eles são altamente competitivos. Como ex-colônias européias, os países árabes são bastante dependentes de compras externas. No ano de 2000, as importações alcançaram a cifra de 172 bilhões de dólares em produtos e serviços. No ano de 2001 as importações atingiram quase 200 bilhões de dólares. Os principais fornecedores são: os Estados Unidos (20%), Grã-Bretanha (13%), Japão (11%), Holanda (9%), Alemanha (7%), Itália, França e Espanha (5% cada um); dos 25% que sobram, o Brasil tem 1%.

No mercado árabe, há duas áreas bastante distintas do ponto de vista econômico. Os países do Golfo Árabe têm uma renda *per capita* de 13 mil dólares e uma população de 26 milhões. Os países do Mediterrâneo Oriental, que são os mais conhecidos dos brasileiros - Síria, Líbano, Egito e Jordânia - têm uma renda *per capita* de 2.200 dólares, contra os 13 mil da outra área, e a população é a mesma, basicamente 26 milhões. A área de influência dos países do Golfo atinge um bilhão de consumidores porque estão voltados para o “seu oriente próximo” representado pela Índia, Paquistão, Irã e os países da antiga União Soviética. Como o Brasil está situado nisto tudo? Nós, na década de 1990, vendemos para os árabes em torno de um bilhão e meio de dólares (estou arredondando os números), menos do que 1% do total importado por esses países. No ano de 2002, batemos um recorde histórico e passamos para três bilhões e 145 milhões. E em 2003, de janeiro a agosto, já estamos em um bilhão e 500 milhões de dólares. Acredito que bateremos um novo recorde histórico porque o segundo semestre se revela sempre mais acentuado em termos de operações comerciais do que o primeiro.

O mercado árabe possui aproximadamente 277 milhões

de consumidores, tem um comércio exterior total de 400 bilhões de dólares. É para esse mercado, portanto, que o Brasil está olhando e é por isso que esse mercado precisa se pacificar. É um mercado que agora começa a ser explorado pelos empresários brasileiros. É uma descoberta tardia? Sim, é uma descoberta tardia. Há várias explicações: a instabilidade política, como eu acabo de tentar demonstrar, a dificuldade de acesso e a diversidade cultural. E nossa própria grandeza, nossa própria vocação exportadora, nossa própria política externa universalista que muitas vezes atrapalha, porque, quanto mais vastos são nossos horizontes de atuação, mais diluímos a eficácia de atuação em cada um de nossos vetores. O que se percebe é a falta de conhecimento destes países. Da nossa parte, são, portanto, necessárias ações mais concentradas de promoção comercial, difusão cultural e empresarial, seminários de toda natureza.

Há uma convergência nítida árabe-brasileira não somente na base das relações inter-pessoais. Temos significativa comunidade de ascendência árabe no Brasil, basicamente sírio-libanesa. Este é um dado importante do qual só me dei conta recentemente. A comunidade árabe no Brasil, juntamente com seus descendentes, constitui o maior agrupamento árabe no mundo, fora do mundo árabe. Em contrapartida, é uma circunstância que torna o Brasil um país diferenciado na visão dos árabes. Temos quase a convicção (os que estudam isso mais detidamente, daí o plural) de que eles nos conhecem mais do que nós a eles, porque obviamente esta maciça comunidade que vive aqui é um veículo de difusão do Brasil nos países árabes. Paralelamente, o posicionamento da diplomacia brasileira em face dos problemas que afetam o mundo contribui para acumular um capital político expressivo e uma simpatia que brota nos países árabes em relação ao Brasil.

Pelas iniciativas do governo brasileiro, os senhores podem se dar conta de que a vontade existe de atuarmos mais

decisivamente naquela área, tão logo existam condições de uma presença mais efetiva. Poderá ser lançado um programa mais denso com os países árabes, com intensificação das visitas de alto nível, missões governamentais, fortalecimento da cooperação econômica, científica e tecnológica, intercâmbio de serviços. Pretende-se, também, estimular não só as relações bilaterais, mas as ações de impacto regional. Nós hoje temos conformado no cenário sul-americano o Mercosul e, do lado de lá, a Liga dos Estados Árabes. É digno mencionar-se que o Brasil é o primeiro país latino-americano a participar dos trabalhos da Liga como observador. Há, também, o Conselho de Deliberação do Golfo, um agrupamento integracionista econômico que reúne o Irã, os países do Golfo Pérsico e a Ásia central, e a União do Magrebe Árabe, o Mercosul do Norte da África, se podemos dizer assim. Em linhas gerais, era esse o panorama que eu queria apresentar aos senhores. Não me detive em temas mais cruciais porque sei que as perguntas virão e, para não ser repetitivo, estou me poupando para as elas.

### **Debate**

Qual a participação do Brasil, no âmbito de investimentos em educação e cultura junto ao mundo árabe?

*Há que se considerar dois fatores preponderantes. Em primeiro lugar, a própria diversidade cultural impõe um obstáculo e, quando a diversidade cultural é o obstáculo, o esforço tem que ser redobrado. No caso do Brasil, o esforço tem de ser quadruplicado. Por quê? Em primeiro lugar, as verbas destinadas à educação, se nós achamos minguadas no Brasil, que dirá lá fora. Este é um fenômeno muito natural que tem lugar em todas as chancelarias, ou seja, em todos os ministérios de relações exteriores que não conseguem propugnar verbas maiores para o intercâmbio cultural. Eu estou falando cultural, o que dirá educacional! Há uma ligeira nuança nisto;*

*a sua pergunta foi especificamente sobre educação. O Brasil tem centros de estudos brasileiros no exterior, instalados em diferentes universidades estrangeiras, basicamente sul-americanas, algumas americanas, européias e africanas. Ora, o nosso grande entrave é, por um lado, a falta de recursos para essa tarefa. Por outro lado, essa tarefa se torna um desafio ainda maior porque o Brasil é um país atraente, portanto, a demanda é gigantesca. Então temos que juntar esforços, e não é só o Itamaraty, mas o Ministério da Educação e, também, o da Cultura. Aí cria-se uma questão momentaneamente de grande debate interno, e tem-se que definir prioridades - que quantidade de recursos alocar à Educação. Estou particularizando porque esta questão é ainda mais incipiente, mas, para fomentar o intercâmbio educacional no Exterior, há que se estabelecer prioridades e as nossas prioridades são os países limítrofes, naturalmente. A cooperação cultural, eu volto a ampliar agora a sua pergunta, com países mais distantes, tais como os árabes, ela se dará, e já vem se dando, numa primeira fase, apenas como intercâmbio cultural, intercâmbio de artistas, exposições, seminários. Há de se perceber, no entanto, que este é um degrau que virá, muito provavelmente, como sucessor à intensificação do intercâmbio comercial. Eu dou um exemplo: o Brasil tem participado de feiras setoriais nos Emirados Árabes Unidos. Por exemplo, a feira de calçados, na cidade de Dubai, onde estão presentes grandes fabricantes de calçados brasileiros e de todo o mundo, numa feira universal do mercado calçadista. Paralelamente a essa feira, há atividades culturais sobre o País para justamente fomentar um interesse dos países com os quais mantemos relações diplomáticas. Não seria possível, neste momento, inverter as coisas porque o próprio empresariado interessado em vender o nome Brasil também patrocina essas atividades. Então, é aí que acontece uma conjugação de esforços entre governo, empresariado e meio acadêmico para levar um pouco*

*mais adiante esse campo do seu interesse. Ainda estamos engatinhando, com certeza, mas vamos levar em consideração que se trata de uma região remota, conturbada e que as afinidades são quase que instintivas e que estamos, justamente agora, tentando aprofundar.*

O Brasil postula uma vaga no Conselho de Segurança da ONU. Qual seria nossa posição, frente à dos Estados Unidos, de franco apoio ao Estado de Israel?

*O Brasil, pertencendo ou não ao Conselho de Segurança - e isto é uma postulação que vai adiante e aparentemente com grandes chances de dar certo - nossa posição está clara. Eu recomendo aos senhores consultar a página do Itamaraty na internet, porque ela possui vários links e um deles diz respeito a notas à imprensa, que contém os argumentos e princípios que norteiam a posição do Brasil, inclusive em organismos internacionais. Nos últimos meses, com o agravamento das tensões no Oriente Médio, por diversas vezes, o Brasil se posicionou, e eu lhes relato o último desses fatos. Há duas semanas, uma representação de embaixadores de países árabes, em Brasília, visitou o ministro das Relações Exteriores para agradecer o apoio que estava sendo concedido pelo governo brasileiro e pedir uma intervenção mais clara do Brasil no conflito Israel-Palestina. Então, o Ministro instruiu os seus embaixadores em Nova York, Bruxelas, Moscou e Washington a fazerem ver aos seus interlocutores que o Brasil esperava que fossem feitas pressões mais enérgicas, tanto junto ao governo israelense, quanto junto à Autoridade Nacional Palestina. Por que citei essas capitais? Porque são capitais dos países e entidades que integram atualmente um mecanismo chamado "mapa do caminho para a paz": Organização das Nações Unidas, União Européia, Rússia e EUA. Alguns princípios desse processo foram neutralizados nas últimas semanas, pelas excursões israelenses e palestinas. Naturalmente,*

*é uma sucessão de ações e reações retaliatórias que não tem fim e é por isso que a comunidade internacional acredita que a guerra não porá fim, como nunca pôs fim a qualquer divergência - é preciso negociar. O quarteto colocou as partes numa mesa de negociação, estabeleceu um processo de paz e aparentemente o quarteto desistiu. Então, estávamos justamente querendo reavivar a chama da negociação. Este é um exemplo, o mais recente, mas a cada ação mortífera no Oriente Médio correspondem protestos da comunidade internacional. A ameaça de deportar o presidente da Autoridade Nacional Palestina foi o fato político que mais reações suscitou da comunidade internacional. O Brasil se fez presente. Os senhores podem verificar na página do Itamaraty como isso aconteceu por meio de um pronunciamento público em organismos multilaterais e junto aos governos das partes conflitantes. Tudo isso para mostrar a posição do Brasil, uma atitude de eqüidistância que eu não gostaria de que fosse interpretada como posição "em cima do muro", na medida em que nosso país tem interesses tanto de um quanto do outro lado desse muro que deve ser derrubado. Os senhores percebem que eu estou falando tanto em linguagem figurada como em linguagem literal.*

Quais os interesses dos países que produzem e comercializam armamentos bélicos na guerra do Oriente Médio?

*A guerra é uma indústria, não tem como contradizer; sempre foi, mesmo quando as armas não eram poderosas; a guerra é um processo de expansão. Neste caso específico do conflito Israel-Palestina, uns utilizam pedras e seres humanos e outros utilizam armas sofisticadas. Lamentavelmente, esta contraposição, numa certa medida, produz um conflito desequilibrado, do ponto de vista bélico, que tem muitas chances de expansão em termos de ocupação territorial: enquanto não é alcançada a paz, a política ocupacionista vai dilatando os ter-*

*ritórios. Assim, sua pergunta tem completo fundamento, mas, neste caso específico, ela não é a cor principal. No caso do Iraque, com certeza. Ali era realmente um derramamento de vantagens comerciais sobre a utilização de um arsenal bélico, disso eu não tenho a menor dúvida.*

Aparentemente, a diplomacia não está funcionando bem nas relações internacionais nestes últimos anos. Que medidas os palestinos deveriam tomar de imediato para resolver o conflito?

*A impressão que se tem é de que palestinos e israelenses não têm mais condições de levar este conflito a uma via de solução, daí a comunidade internacional precisar interferir. Os palestinos estão desorganizados territorialmente, tem seriíssimas carências econômicas que este conflito só fez agravar, problemas crônicos de saúde, o Estado inexistente, uma administração muitas vezes pouco coesa. O que se pode esperar como eficácia por parte dos palestinos? É por isso que eles estão insistentemente reivindicando a intervenção das Nações Unidas. Eles estão nos limites de duas possibilidades. Não há o que eles possam mais fazer de forma eficaz, a não ser demonstrar com pedras e paus e com o próprio corpo que eles têm direito a sua terra. Tão simples assim, e isto está chegando ao seu limite máximo, daí a necessidade de a comunidade internacional intervir energeticamente mediante os sistemas vigentes de organização política. Eu não vejo outra solução para isso. Agora, quem vai deixar de atirar em primeiro lugar? Como eu disse, é uma sucessão de ações e reações de retaliação; a gente não sabe quem atirou primeiro e a qual ação corresponde tal reação, porque elas estão pulverizadas na área e, muitas vezes, extra-territorialmente. Os senhores se recordam de que Israel lançou um míssil em território sírio há três semanas. Claro que eles têm suas explicações e objetivos. Se forem legítimos, se forem ilegítimos, se a*

*força está sendo usada proporcional ou desproporcionalmente é uma questão de ética de conflito que não se traz ao debate. Então, a posição do Brasil é de que é preciso que a comunidade intervenha como em tantos outros conflitos no passado e em muitos deles bem-sucedida. Não vamos descrever também da diplomacia porque ela é uma das ferramentas de que a comunidade internacional se vale; quanto mais céticos formos quanto à nossa capacidade de negociar, menos chances criamos para atingir a paz que queremos. Às vezes ela se configura débil, mas tudo em face de conjunturas. Os líderes mundiais se sucedem, personalidades diferentes com pontos de vista diferentes. Vejamos a ótica do governo americano, por exemplo, para ser um pouquinho mais preciso. Há algum tempo, a comunidade internacional julgava que a administração americana, na pessoa do presidente Bill Clinton, estava dando passos absolutamente em falso e comprometendo toda a harmonia que a principal potência do mundo poderia estabelecer. Hoje a avaliação é de que, na verdade, ele estava dando passos positivos. A visão do avaliador e do avaliado muda ciclicamente. Essa é a dinâmica do Planeta. Também, não se pode esperar que as pessoas certas estejam nos momentos adequados nos lugares corretos. Parece que estamos num momento exatamente ao contrário. Deveríamos ter lideranças diferentes em face de uma situação tão complexa. Muito provavelmente esta situação de hoje é a cristalização de situações não resolvidas com maior empenho anteriormente. E aí o monstro vai crescendo. É como naquela peça de teatro do Ionesco (Eugéne, autor francês de origem romena): o cidadão sabe que o pé vai entrar no quarto e invadir, mas não faz nada. A peça termina com o pé ocupando todo o quarto e a pessoa que não reagiu ficou sem solução. É um pouco isso que está acontecendo: o pé está crescendo. A diplomacia é um instrumento para essas situações. Vamos continuar a ter fé nela. E eu acho que isso se resolve porque a*



*comunidade internacional tem todo interesse em que isto aconteça. Às vezes os caminhos são sinuosos. E há outro fator conjuntural - as eleições tanto nos Estados Unidos quanto em Israel e da Autoridade Nacional Palestina.*

Na resolução da ONU, 144 países disseram que o muro não deveria ser construído, mas o Primeiro-Ministro de Israel disse que será feito. Essa contradição deixa claro para a comunidade internacional que quem tem poder faz o que quer. Qual a opinião de uma pessoa que representa o governo brasileiro em relação a esses impasses?

*A invasão do Iraque também foi condenada pela comunidade internacional e, no entanto, a intervenção veio. Então, isto significa que a ONU faliu? A ONU não representa mais nada? É preciso perceber que estas são, vamos dizer assim, "derrotas" da ONU nos aspectos mais visíveis da coabitação internacional; mas há uma infinidade de questões, de pendências, de problemas que são resolvidas pela ONU. Os senhores se recordam da atuação do nosso Sérgio Vieira de Melo? A independência do Timor Leste é a atuação da ONU e tantas outras. Estou citando esta porque nos diz respeito mais de perto. Não vamos questionar um sistema por ele ser falível porque, se eliminarmos um sistema que por vezes falha, todas as demais questões também ficarão sem solução. O sistema multilateral é uma conquista do século XX. O gênero humano levou séculos para chegar a uma comunidade internacional conformada em Estados e era preciso um sistema que os harmonizasse. A ONU é falível porque somos falíveis. Não é a ONU, mas o ser humano quem falha. Eu acho até que se fizermos um exame de consciência um pouco mais detalhado, o saldo é mais positivo que negativo. Quantas conquistas foram feitas pela via diplomática? Começemos pelo próprio Brasil. A nossa conformação territorial é o quê? É a vitória exclusiva da diplomacia. As nossas fronteiras de hoje*

*são resultado da atuação diplomática. Não vamos entrar agora num outro capítulo muito extenso e que valeria a pena um dia destacar, porque nisso o Brasil é exemplar. Essas coisas nos credenciam a atuar no cenário internacional com, digamos, cara lavada e não com cara maquiada porque não temos maus antecedentes nessas questões; resolvemos nossas questões diante de uma mesa, não pelas armas. Eu acho que isto credencia o Brasil a postular posições mais importantes, tais como a de membro permanente do Conselho de Segurança. Não que o Brasil vá resolver as questões mundiais, mas que aumentam suas chances como porta-voz de uma comunidade de nações que não têm ainda poderio militar, hegemonia econômica, etc. Quero dizer é que o Brasil seja o representante dos países em desenvolvimento e o Conselho de Segurança é um núcleo onde seus interesses e suas posições poderiam ser expressas. Estes países acreditam que o Brasil seja um legítimo representante? É o que estamos buscando e espero que sejamos bem-sucedidos.*

A construção do muro não seria, no longo prazo, uma forma de extermínio lento dos palestinos? Os israelenses realmente querem a paz?

*Com relação ao muro, não é somente ele, mas qualquer atitude de agressão que enseja violência. A construção de um muro, evidentemente, produz divisão, impasse, oposição, implica revide, retaliação. Quanto a isso não temos a menor dúvida. O governo brasileiro já se manifestou repetidamente contra a construção desse muro. Os senhores poderão consultar a página do Itamaraty ([www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br)). Me sinto fazendo anúncio publicitário, mas é isso mesmo, porque é a posição de nós todos.*

Yasser Arafat aparenta ser um político moderado, porém

o Estado de Israel quer tirá-lo do governo palestino. O que Israel realmente quer?

*Bem, Yasser Arafat pode ser moderado para nós e radical na ótica israelense. Essa avaliação muda no tempo e no espaço, de modo que o que pode nos parecer hoje verde amanhã nos parece vermelho. Essas são questões de bastante complexidade. Os senhores, talvez, tenham ouvido falar de uma recente iniciativa de paz (mais uma!) que reuniu na Jordânia e na Suíça representantes do Parlamento israelense, das alas moderada, progressista e trabalhista do Parlamento, com visões completamente diferentes. Não se iludam: há em Israel correntes de opinião pública contrárias a este estado de coisas. Nunca houve tantas vítimas civis israelenses quanto atualmente. Claro que a desproporção é enorme, pois devem ter morrido cerca de 8.000 palestinos e um número menor de israelenses. Os palestrantes de amanhã poderão lhes dizer isso com precisão. 2.000 pessoas em um Estado forte, porém, constituído e ofensivo é muita gente também. Não vamos fazer um leilão de vidas humanas, pois seria uma ótica cínica do ponto de vista humanitário, de modo que tanto num lado quanto no outro há diferentes correntes de opinião, toda uma gama de atitudes políticas que pedem soluções diversas. Por isso a solução só pode vir de fora para dentro. Não é mais possível que ela germine na própria região.*

A minha pergunta é sobre o papel do Itamaraty com relação aos imigrantes. Há um levantamento de brasileiros nessa região tão conflitiva? Que política específica o Itamaraty tem para esses brasileiros? E quanto à comunidade árabe em Foz do Iguaçu que, vez por outra, aparece como lugar que abriga terrorista? O Itamaraty tem alguma política para os árabes no Brasil?

*Com relação aos imigrantes, vamos começar pela tríplice*

*fronteira a que o senhor se referiu. Evidente que há um interesse em tipificar a região como um foco potencial de atos, ou cidadãos, com intenções terroristas, mas até o momento nada foi comprovado. É por isso que o assunto não está mais sendo veiculado; o que não é impossível de acontecer. Não podemos também imaginar que nosso país constitui um oásis perpétuo e que só ocorram para cá bons cidadãos, quando a gente sabe quantos maus cidadãos nós também produzimos, não é? Então temos que nos precaver; mas os serviços de inteligência fronteiriços têm demonstrado que as comunidades vivem corretamente, ordeiramente, mesmo que sejam imigrantes de levadas recentes. Isso porque tem laços familiares estabelecidos no Brasil. Quando autoridades árabes vêm ao Brasil, como no caso do Primeiro-Ministro do Líbano, alguns meses atrás, e mais recentemente, do secretário geral do Itamaraty libanês, eles foram visitar as comunidades localizadas na tríplice fronteira, inclusive Foz do Iguaçu, para verificar o estado de coisas e também para tranquilizar seus cidadãos que estavam vivendo um clima de quase-pânico. Isso, no entanto, faz parte de uma certa política de diversificar e de ampliar a insegurança para estabelecer um clima favorável aos seus próprios interesses. Com relação aos brasileiros no Exterior, e não somente aos que estão no Oriente Médio, temos contingentes expressivos e há um departamento específico no Itamaraty para cuidar disso, o Departamento de Assuntos Consulares e de Assistência a Brasileiros no Exterior. É uma estrutura de pessoal e de recursos financeiros que visa justamente à proteção dos interesses dos brasileiros no Exterior, atendimento a casos de emergência, repatriação, documentação. Enfim, toda uma série de providências para atender a cada um de nós quando estiver no Exterior e precisar do apoio dos serviços oficiais do seu país.*

## O MOVIMENTO PALESTINO E O SISTEMA DE ESTADOS-NAÇÃO NO ORIENTE MÉDIO

**Bassan Abu-Sharif**

Eu me dirijo a vocês como alguém da Terra Prometida que está sangrando, que chora por causa da morte, em razão da tortura, em decorrência dos campos de concentração nela situados. A Terra Prometida está exposta a um vicioso ataque militar que nem mesmo o seu lugar de nascimento, a igreja nativa, foi excluída de ser atacada. Eu me dirijo a vocês com todas estas dores, trazendo desejos de mães que perderam seus filhos por balas de quinhentos milímetros e por ataques de aviões. Eu venho trazendo desejos de filhos que perderam pais e mães, de milhares de órfãos que choram, pelos que acreditam e por todos os seres humanos que lutam pelos direitos humanos.

O que está acontecendo é no mínimo incrível. É incrível que qualquer ser humano que tenha valores, que se importe com princípios de vida, de justiça e de liberdade faça coisas como essas. O que está acontecendo é um massacre dos direitos humanos. Qualquer um de vocês deve ter se perguntado, mesmo vocês a milhares de quilômetros do Oriente Médio: por que a guerra ainda continua entre Israel e a Palestina? Eu estou aqui para responder àqueles que se fizeram esta pergunta. E eu lhes digo que não existe guerra na Palestina. Eu lhes digo que não existe briga na Palestina. Na Palestina, existe única coisa: ocupação das terras de outras pessoas. Estão implantando o colonialismo, estão construindo as suas colônias na terra Palestina, privando o indivíduo desta nação e as pessoas de viverem pacificamente como há milhares de anos.

Temos que procurar uma solução. Se existe uma ocupação, competição por terras, massacre dos direitos humanos, a solução é clara. Para ter paz, estabilidade e cooperação na

terra prometida, a solução é o fim da ocupação. O que soldados israelitas tem a ver com terras palestinas? Por que existem vários soldados israelitas em Jericó, Gaza e outras cidades? Eles estão ocupando, por isto a solução é bem clara: saiam, voltem para Israel, para sua casa, nos deixem em paz! O mundo deve se envergonhar e a comunidade internacional também, enquanto nós choramos por causa da agressão. Senhoras e senhores, eu sou um homem velho, tenho quase 57 anos, e em minha experiência nenhum ser humano pode aceitar viver nestas condições. Os brasileiros sempre sorriem e têm orgulho de seu país. Sentem-se livres, se acham democráticos, não têm medo que um F-16 destrua suas casas, que um ataque militar mate civis. Esta semana, na corte israelense, um oficial está sendo julgado por ordenar a execução de quatro crianças que brincavam na rua. Os brasileiros gostam dos direitos humanos, se sentem seguros, e por isso talvez não entendam bem do que estou falando, mas entenderão quando eu lhes explicar. As crianças em nosso país estão expostas à tortura todos os dias. Indo para a escola, elas têm que cruzar com blocos militares. São apenas crianças, cinco, seis, sete anos de idade que estão expostas a todo tipo de abuso pelos soldados israelitas. O que lhes causa medo, medo psicológico, um mal que não são sequer capazes de falar. Alunos secundários, face a face com abusos e com o medo. Jovens são espancados nas ruas sem razão alguma e isso na Palestina, não em Israel. Todos os dias, trinta estudantes vão para a cadeia sem razão alguma e são soltos dois ou três dias depois.

A Palestina é um país que depende basicamente da agricultura. As oliveiras são a principal fonte de renda para mais de 60% do povo palestino. Durante a estação de colheita, o povo palestino geralmente aproveita para comemorar a colheita, a safra da oliva e o envio para a fabricação de óleo, celebrar a comida, a vida deles. Cinqüenta por cento da safra é roubada pelo exército, 26.000 oliveiras são tomadas, não para serem

destruídas, mas roubadas por Israel. A guerra não é apenas contra estudantes e jovens, mas também contra a fonte de comida palestina. Esta ocupação está tentando levar o povo palestino ao desespero. O desespero jamais virá aos palestinos, pois estamos determinados a resistir a esta ocupação. Nós jamais escolheríamos nos curvar ao colonialismo israelita. Nossa única escolha é liberdade! Você jamais poderá dizer a um palestino, se você se curvar a Israel, terá permissão para importar alimentos, para se mudar de uma vila para outra, para fazer isto ou aquilo. Liberdade é a nossa única escolha! Não temos um F-16, armas, um exército. Temos uma forte determinação. É por isso que somos contra a guerra, contra a violência. Mas nós os derrotaremos em um ponto principal. Quando eles chegarem à conclusão de que esta nação, que suporta tudo isto e tem Cristo como seu primeiro mártir, não está disposta à escravidão e que eles não podem nos derrotar. Então a ocupação terá que sair da Terra Prometida.

Eu tentei lhes mostrar a situação de Ramalla. Ontem tanques israelitas, fazendo um exercício de ataque, feriram 19 palestinos sem razão alguma e os deixaram ao léu. Eles fazem isso em toda cidade ou vila sempre que lhes convém. Estão construindo o que chamam de segurança de guerra, mas eu chamo de anexo de guerra. A finalidade deste anexo é se apropriar das terras mais férteis ao nordeste para separar as pessoas de suas vilas, de suas terras; pois estas terras encontram-se agora no meio da guerra. Os palestinos têm sido, ao longo da história, um povo pacífico. Um povo que foi ensinado por Cristo a amar e não a odiar. Apesar disso tudo, nós continuaremos a ser uma nação de paz, de tolerância. Desde que Sharon foi eleito, ele adotou uma política de acordos e o que nós vemos são os israelitas reocupando terras palestinas. Rapidamente, cerca de 370 agrupamentos militares invadiram a vida de palestinos, transformando tudo num inferno diário. Todos os dias, nós vemos um maior uso de forças

militares. Em Ramalla, 32 civis foram mortos e 200 ficaram feridos. Alguns militares de Sharon estão falando em transferir os palestinos de lugar. Eles dizem: “os palestinos têm sua terra, é a Jordânia, deixe-os irem à Jordânia”. Apesar de tudo, nós queremos paz com os israelitas e estendemos nossas mãos, pois somos um povo pacífico. Enquanto Sharon continua atacando, assassinando, destruindo casas, até agora foram 26.000 casas palestinas destruídas, nós pedimos a vocês, à comunidade mundial, começando com os 170 milhões de brasileiros: ajudem o povo palestino!

A comunidade mundial não pode mais ficar calada diante dos crimes de guerra que ocorrem com civis todos os dias. A comunidade mundial e os homens de bem não podem aceitar ver os direitos humanos sendo pisoteados. Eu venho a vocês da Terra Prometida, carregando as lágrimas de Cristo e de sua mãe, cuja estátua foi atingida por um atirador israelita, pedir a vocês que não se calem! Os palestinos não estão pedindo que se forme um bloco de guerra. Estamos pedindo ao mundo que se comprometa com seus próprios princípios de justiça, de honestidade, de direitos humanos e que não aceitem que milhões de pessoas sejam mortas sem razão alguma. Será que o mundo pode continuar sendo dominado pelas regras selvagens? Nós devemos pôr um fim nisto. O famoso presidente W. Bush é quem dá a Sharon liberdade para tudo isso, pois Bush segue estas regras selvagens. Ele deu tantas desculpas para ocupar o Iraque que agora está tendo problemas, pois todas estas desculpas estão provando ser grandes mentiras. Sharon faz a mesma coisa quando diz que Yasser Arafat é um terrorista. Ele é que tem destruído a vida de muitos palestinos, matando civis. Então o mundo não deve aceitar esta selvageria. Sharon não pode continuar com essas atrocidades, não dando crédito à opinião do mundo, sem ser punido. Bush justifica a guerra e a ocupação do Iraque com a desculpa de que Saddam não respeitou durante 11 anos as



resoluções do Conselho de Segurança. Israel não respeita as resoluções desde 1967! Se nós deixarmos que Bush e Sharon continuem com essas regras selvagens, todas as nações do mundo devem se sentir inseguras. O mundo deve se unir contra esses ocupadores, esses agressores, contra quem massacra os direitos humanos. Não importa o que aconteça, há vontade e determinação do povo palestino de ser livre e independente. O direito maior de ter um Estado Palestino sempre se fará presente, não importa quantos milhares de pessoas são massacradas por esses ocupantes, nós lhes prometemos isso.

### Debate

Como poderia a ONU, por exemplo, intervir na ocupação israelense da Palestina, depois da demonstração de fracasso perante os Estados Unidos nos últimos meses?

*O povo palestino, e no seu comando Arafat, é contra qualquer tipo de operação, incluindo as suicidas. Nós condenamos Israel por matar palestinos civis. Por uma questão de princípios condenamos qualquer palestino que mate israelitas civis. Em segundo lugar, a fonte do terrorismo na Palestina e no Oriente Médio é a ocupação israelita. A ocupação em si já é terrorismo. Se não existisse ocupação, por que haveria ataques suicidas? Então eu espero que Sharon seja responsabilizado pela morte dos civis de ambos os lados. Durante 50 dias Sharon atacou a Palestina. 62 palestinos foram mortos, deles provavelmente seis pertenciam ao Ramallah, e centenas foram feridos. Sharon continuou atacando e matando de uma forma que acaba sendo um convite ao extremismo. Soldados saídos do Texas, das barbas do Bush, que vem à Palestina e matam 200 civis não é terrorismo, ocupar o Iraque não é terrorismo, mas resistir à ocupação israelita na Palestina é? Portanto, eu repito, somos contra a matança de civis, não importa se são palestinos ou israelitas; mas devemos deixar claro que o terrorismo real é o favor causado pelo exército de Israel.*

O fanatismo religioso não poderia ser um complicador no processo de paz?

*A sociedade palestina é bem tolerante. Tolerante no sentido da não-segregação entre cristãos, judeus e muçumanos, pois todos são crentes em um Deus. Então na nossa sociedade, não existe distinção entre religiões. Algumas organizações, entretanto, têm usado a religião para propósitos políticos. O Ramalla e o Jhirad islâmico não são levados a sério a não ser por Sharon. Ele é quem lhes dá status, pois Sharon quer que a Autoridade Nacional Palestina seja destruída. Ele considera Arafat um inimigo do povo, mesmo sendo Arafat um homem do próprio povo. Portanto, religião para nós não tem tanta importância, mas vocês podem fazer esta pergunta para Daniel Gazit sobre Israel, pois Israel é um Estado baseado no judaísmo. Nossa sociedade não está baseada em religião, é uma sociedade secular, democrática e nossa constituição prova isso. Israel não tem constituição, é um Estado judeu, e por ser judeu acha que a religião judaica é dominante. No Irã, o islamismo é regime de dominação. Nós somos contra os regimes baseados em religião e contra a segregação entre religião e sociedade. Israel atribui a Yasser Arafat a responsabilidade pelos atentados de homens-bomba. O que ocorre de fato? A Autoridade Nacional Palestina estimula esses atos, ela é indiferente a eles ou é impotente para impedi-los? Isso não é verdade. Arafat nunca esteve por trás de ataques suicidas e ele tem condenado e punido publicamente aqueles que estão por trás disso. Arafat é contra a matança de civis e eu expressei meu ponto de vista também: qualquer um que mate um civil, seja palestino ou israelense, é condenado. Sharon diz que Arafat é um terrorista, não é um homem de paz. Isto é propaganda porque ele não quer Arafat ou ninguém mais, ele quer apenas ocupar a Palestina e con-*

*fiscar suas terras. Este é Sharon. É um homem que acredita que qualquer coisa adquirida pela guerra ou pela força não deve ser devolvida. Ele não é um homem de paz; mas ele acusa, claro, utilizando George W. Bush para fortalecer sua posição e criar esta imagem de Yasser Arafat. Arafat é um homem de paz.*

Como o senhor analisa o papel da mídia no conflito?

*De que mídia você está falando? Vamos tomar a mídia americana. A mídia dos Estados Unidos se contradiz muito, diz que o governo não tem nada com isso. Não é verdade. Eu sei muito sobre isso. Eu sou um homem da mídia. Existem sempre as portas de trás da Casa Branca, Departamento do Estado, Departamento de Defesa, onde falam os quem tomam as decisões na mídia. Claro que eles tentam fazer isso inteligentemente, mas eu posso dizer que a mídia americana notifica o que está acontecendo com vinte por cento de verdade, a mídia européia com quarenta ou cinquenta por cento de verdade. Às vezes, claro, há exceções e nos Estados Unidos ou na Europa há jornalistas honestos que visitam campos com tanques, helicópteros e aviões e dizem a verdade. Eles podem ser punidos depois, mas de qualquer maneira você encontrará alguns jornalistas que são honestos. O que é importante é que, apesar daquelas portas de trás, gradualmente a mídia começou a se sentir incomodada com isso porque o que acontece nos campos é inacreditável.*

Qual a solução que o senhor imagina para este conflito Palestina-Israel?

*Muito simples. Deixe os ocupantes saírem de nosso país que haverá paz.*

## O ESTADO DE ISRAEL E A DINÂMICA POLÍTICA REGIONAL

**Daniel Gazit**

Acho difícil falar depois da emocionante palestra em que, com muito talento, Bassan Abu-Sharif relatou o sofrimento que existe na Terra Santa. Estamos em uma palestra da Universidade. Queria falar mais em termos acadêmicos e menos emocionais. Também posso fazer uma lista de sofrimentos de civis, de crianças, de ônibus explodindo, de escolas e clínicas atacadas, muito antes de existir a ocupação. Devemos terminar com esse sofrimento dos dois povos e avançar uma solução acertada por ambas as partes. Não posso, porém, deixar de referir-me a alguns fatos históricos e que se deve levar em consideração. O primeiro erro quando se analisa um problema pode ser uma definição errônea e com isso uma solução errônea. Quando eu dizia que o terror palestino começou antes de existir a ocupação, é um fato histórico. Organizações terroristas palestinas falavam abertamente em destruir o Estado de Israel, diziam que os judeus não têm o direito a um Estado porque não constituem uma nação, referindo-se ao problema da religião. Judeu é um dos casos especiais, judeus também são uma nação e uma nação com direito a um Estado. O povo palestino, nós reconhecemos que tem direito a um Estado, mas jamais na história ele teve um Estado independente. Quando falo de antes da ocupação, estou me referindo às organizações palestinas que se uniram em 1964. Abu-Sharif foi um dos fundadores destas organizações. A guerra dos Seis Dias, que levou à situação que estamos vivendo hoje, não foi a primeira quando se trata de desrespeito às soluções internacionais. A primeira guerra foi em 1947, depois da decisão das Nações Unidas de fazer dois Estados, um Judeu e outro Árabe, na Terra Santa. Nós aceitamos, os

árabes não. Essa história é conhecida! Ganhamos essa guerra de Davi contra Golias: Davi foi Israel e Golias os povos árabes em volta de nós; mas terminou a guerra. Israel declarou a independência e os palestinos não. Todos esses territórios hoje ocupados estiveram em mão de árabes, certo? E durante vinte anos, em vez de declarar o Estado palestino, declararam guerra contra Israel. A guerra dos Seis Dias foi uma dessas guerras que deveria terminar com a existência do Estado de Israel. Felizmente ganhamos, porque se não, Israel não existiria mais, poucos judeus teriam sobrado com vida em nossos territórios. E por que digo isso? Não porque leio o que foi publicado, mas sim porque eu vi e tenho registrado os discursos de Saddam Hussein excitando os soldados a exterminar todos os judeus. Ao terminar a guerra da independência, ganhamos mais territórios do que estava previsto na decisão das Nações Unidas. Em território israelense, apesar de todas as acusações contra nós, vivem hoje mais de um milhão de árabes. Não foram expulsos, nem tratados como escravos. São cidadãos de um país democrático, que é Israel. Mais de um milhão deles vive muito bem com toda a liberdade dentro de Israel. Nos territórios árabes, não ficou nenhum judeu vivo. Em Jerusalém, única cidade sagrada para o judaísmo, os judeus, não falo só de israelenses, os judeus não podiam entrar, não podiam rezar. Para entrar na Jordânia, deveriam apresentar um certificado de que não eram judeus. Isso é um pouco como foi a guerra dos Seis Dias. E nós fomos a essa guerra não para conquistar territórios ou dominar outros povos. Não tínhamos essa intenção. Fomos atacados e ganhamos. Felizmente, somos fortes. Organizações palestinas, Irã, Líbia e outros falam até hoje em eliminar o Estado de Israel, terminar o ciclo de guerra. Quando o líder árabe Saddam Hussein veio fazer a paz com Israel, Israel provou que estava pronto a fazer sacrifícios, não tinha interesse em territórios. Depois de uma discussão democrática, votou con-

tra o acordo, não contra a paz. Bem, não tinha suficientes elementos de segurança e nos retiramos. Sharon, que todo mundo acusa de extremista, é um extremista pela segurança de Israel. Ele toma iniciativa contra as ameaças ao Estado de Israel, mas, quando tem uma decisão democrática, ele cumpre. Sharon é o único na história de Israel que cumpriu com a decisão do governo democrático de evacuar assentamentos israelenses.

Trato de voltar a uma análise sistemática do problema. A causa desse problema e a solução constituem dois pontos simples. Tem uma terra que nós chamamos de Israel, os palestinos chamam de Palestina e todos chamamos de Terra Santa. Palestinos e israelenses, ambos, dizem: “tudo é meu”. Nações históricas e não históricas querem discutir isso? Podemos sim, temos fatos para isso. Eu como historiador poderia discutir, mas não tem relevância para a situação de hoje. A situação de hoje engloba duas nações que disputam o mesmo território, então a solução é dividir, não tem outra solução. Mas por que não é fácil dividir? Porque entram a nação, a cultura e muitas outras coisas que podemos analisar. Também posso falar da desconfiança israelense, imagino que Bassan Abu-Sharif possa falar da desconfiança dos palestinos, porque estamos seguindo a história, o que estão dizendo e o que acontece há mais de quarenta anos. Os palestinos com seus líderes haviam escrito na carta de fundação da OLP que tinham que destruir Israel. Muito mais importante do que fazer um Estado palestino – eles podiam fazer em vinte anos, mas não fizeram - era destruir o Estado de Israel e fazer guerra de terror. Aprecio muito Abu-Sharif, não aceito o que ele disse, mas respeito como uma das primeiras pessoas do campo palestino que falou em reconhecer o Estado de Israel e chegar a uma solução negociada. Naquele momento, queríamos acreditar que os palestinos são sérios, estávamos prontos para fazer a paz. Apesar de conhecer o Programa do Cairo de 1974,

que dizia abertamente que os palestinos agora não têm força para destruir todo Israel, então têm que destruir por etapas, acertar o que pode e continuar. Apesar de tudo isso, quisemos dar chance à paz e firmarmos o acordo. Abu-Sharif foi um dos negociadores e estabelecemos a Autoridade Nacional Palestina que é a base, pelo menos no nosso ponto de vista, do acordo de Oslo, acertado por Yasser Arafat. Foi um compromisso de Arafat e da OLP, em nome de todo o povo palestino, em uma carta escrita a Rabin, deixando o caminho do terror e resolvendo qualquer problema nessas negociações. Demos a promessa de que iríamos estudar. Porque a pessoa pode saber que não vai receber a negociação na hora que quer, mas aceitou o compromisso de deixar o terror. Yasser Arafat entrou em Israel, com todas as guarnições, quarenta mil soldados, os mais ligeiros, tanques, aviões, armas. Saímos da cidade grande e recebemos uma aula de terror que jamais conhecíamos. Confiamos em Yasser Arafat naquele tempo; ele dizia: “Vamos nos organizar. A polícia palestina vai fazer o que é necessário”. E não fizeram nada, deixaram crescer e fortalecer as organizações terroristas. O terror continua e o acordo de Oslo resultou em nada. E, se agora não podemos continuar, é por causa do terror. Se Abu-Sharif dissesse que a causa do problema é a ocupação, eu contesto. A causa é o terror palestino. Antes da ocupação, ouvimos os pedidos de uma solução. Falo de Barak. Não só durante vinte anos, os palestinos podiam ter um Estado. Em 2000, podiam sair de Camp David com um Estado palestino. Não foi a ocupação que causou a onda do terror de hoje. É a vontade de Yasser Arafat, não sei de quem mais, de forçar Israel a fazer concessões pela força. Não havia soldados israelenses, na maioria dos territórios não tinha bloqueios. A economia palestina, segundo, não nossas estatísticas, mas as do Fundo Monetário Internacional, estava crescendo, a mais rápida do mundo; mas foi decisão política de Yasser Arafat, durante o

governo de Barak, não de Sharon, desencadear o terror contra Israel. Eu tenho respeito por Arafat, respeito como inimigo. Ele sabe o que está fazendo. Para ele, é mais importante ter um Estado do que estabelecer instituições democráticas e a paz. Em 1977, sugerimos uma proposta que, no nosso ponto de vista, foi muito generosa, mas na sua perspectiva não foi nada. Outra vez ele chegou à conclusão de que, discutindo com Israel, não vai alterar nada e, talvez tenha razão, porque é muito difícil para um israelense imaginar mais concessões do que Barak fez e por isso Arafat optou pelo terror. Agora, se tem ou não razão, a história vai julgá-lo. Que ele apóia o terror, não temos dúvidas. Quando as bombas estavam por todos os lados e os civis sendo massacrados, não tivemos outra escolha a não ser entrar nos territórios. O problema é como dividir. Onde vai passar a fronteira nos assentamentos judeus, em Jerusalém? É um problema que não é fácil de resolver. Tem que se discutir e ter muita imaginação para encontrar uma solução, um compromisso. Isso, no entanto, só pode acontecer no momento em que tivermos na nossa frente um governo em quem possamos confiar. Não uma pessoa que assina uma carta, que condena o terror a cada dia, mas manda dinheiro e armas para organizações terroristas, que assina a paz com Israel e depois fala de Guerra Santa contra Israel em público. Como disse, queria fazer uma discussão mais acadêmica, mas não posso deixar de falar, quando há acusações de que somos criminosos. Os criminosos são os que não têm nenhuma justificativa de atacar e matar civis sem propósito, como estão fazendo as organizações terroristas palestinas, desde muito antes da ocupação. A autoridade palestina não fez nada para parar o terror, porque podia e pode fazer. Não é suficiente falar e condenar. Nós temos as provas de que eles estão apoiando o terror. Repito: se tem um exército que está lutando contra o terror da maneira mais humana possível é o de Israel. E temos que levar em conta



que estamos falando de guerra e não de atividade policial contra manifestantes que querem a paz. Estamos falando de guerra contra organizações sem escrúpulos, de terroristas, cuja única maneira de pará-los é atacando suas bases porque não se pode parar com os suicidas quando entram em cafés, nos ônibus. Não existe terrorista, bomba, sem organização, sem dinheiro, sem qualificação, sem dirigentes que dizem o que fazer e como fazer. E se nós conhecemos isso, os palestinos conheciam também. Durante os últimos três anos, ninguém que atuava contra Israel foi preso. Estamos lutando contra mentiras que tratam de ligar o nome de Israel com Jenin. Agora todo mundo sabe que não houve massacre, que foram 50 palestinos mortos contra 23 soldados israelenses mortos. Isso não impede os palestinos de repetir essa mentira, como anteontem falavam de 14 mortos na Faixa de Gaza. Nós passamos um vídeo na televisão brasileira. Havia dois incidentes, um deles mais famoso, de gente inocente que tratou de passar pela fronteira, pela cerca de defesa que é autorizada para manter os civis israelenses. Dizem que Israel encontrou esses terroristas, matou alguns e continuou perseguindo de helicóptero o veículo em que fugiam, mandou 2 civis parar o veículo e um dos terroristas reagiu. Para mim, são terroristas porque querem matar civis e foram mortos porque tentaram matar israelenses. Abu-Sharif mencionou um oficial israelense estar em juízo por atirar em meninos palestinos. Não conheço o caso, mas conheço dezenas de casos em que soldados israelenses, por abuso, tiveram que se apresentar na justiça. Eu também sou soldado da reserva, somos todos soldados porque não temos outra escolha, e conheço nossas ordens como ordem de Israel. E se há bloqueios, se tem algum soldado israelense, se temos que fazer uma cerca, não é por gosto. Podemos ter até um Estado palestino independente e estar felizes todos, vivendo juntos, sem nada que nos separe. A Terra Santa podia ser um paraíso.

Imaginemos o turismo, se houvesse paz, com milhões e milhões de turistas do Brasil e de todo o mundo. Eles poderiam fazer florescer esta terra. Não precisamos nada mais, nem petróleo, nem gás, nem indústrias, só isso.

Israel é um país democrático, temos diferenças de opiniões, mas a nossa determinação faz parte de nossa força. Há israelenses que dizem que temos que dar mais confiança aos palestinos e mais concessões e há israelenses, como Sharon, que estão a favor do Estado palestino, que não querem dominar os palestinos, mas não têm confiança neles e não estão dispostos a fazer concessões. Então, isso deve ser discutido e votado, para se chegar a uma solução. Por isso é bom ter encontros como este, para que vocês, pelo menos, tentem entender nossos pontos de vista e para os palestinos e os israelenses se encontrarem. Exijo, pelo menos, o mesmo respeito que temos com os palestinos para com as nossas tradições, sem o que não poderemos ter uma existência mútua na mesma terra. Exijo que os palestinos deixem de fazer ataques aos assentamentos, parem de explicar aos meninos palestinos que os judeus não têm direitos, que o Hamas deixe de fazer campos de férias, onde o jogo é demonstrar como se matam judeus, e passem a construir um futuro da paz. Abu-Sharif talvez vá fazer algumas exigências, eu posso dizer o que sinto já: para avançar temos que ter esses encontros de entendimento e para solucionar nossos problemas, os palestinos têm que terminar com o terror.

### **Debate**

Por que os judeus podem voltar a Israel e fixar residência, enquanto cerca de quatro milhões de palestinos estão proibidos de um retorno à Palestina?

*A proposta de Israel, depois da Segunda Guerra Mundial, é dar a qualquer judeu o direito de viver em Israel. Não sei se vocês ouviram, mas, durante o holocausto, só um país, a*

*República Dominicana, abriu as portas a judeus que fugiram da Alemanha quando a Europa foi ocupada pelos nazistas. Todos os outros países, inclusive os Estados Unidos, não deixaram mais entrar judeus. O Estado judeu foi feito para agregar os judeus. E por que os refugiados palestinos não têm o direito de entrar em Israel? Primeiro, porque Israel não tem culpa. Como dizia, em Israel hoje vivem mais de um milhão de árabes que não fugiram na guerra da independência. Quem declarou guerra contra nós que assuma a responsabilidade. Quem estava vivendo na Jordânia, Egito, Líbano, Síria, Kuwait? Os palestinos, irmãos dos árabes que declararam guerra contra Israel, que perderam esta guerra e que podiam abrigar esses refugiados. Há casos na Europa de milhões de refugiados da Polônia, da República Tcheca, da Alemanha, Rússia, Ucrânia, milhões e milhões de refugiados que passaram de um lado a outro e com apoio, ajuda, podiam assentar-se e viver normalmente. Israel não tem culpa desses refugiados, mas sim os árabes que começaram a guerra, mas preferiram não dar direitos a estes palestinos, refugiados, e cinicamente utilizá-los para manter o ódio contra Israel. Agora estamos falando de Autoridade Palestina, apesar de não ter 100% de confiabilidade, e os palestinos que querem podem voltar e estabelecer-se no Estado palestino. Os judeus vivem em um Estado judeu, os árabes no Estado árabe. Um dia, talvez, vamos ser como a Europa, com fronteiras abertas, mas no momento, eu repito, Israel não tem a culpa de ter refugiados palestinos, quem tem culpa podia e devia ocupar-se desse problema. Por isso existem dois Estados. Como disse: se recebermos 4 milhões de árabes, significa que não vai ser mais um Estado judeu e eu, como judeu, membro da nação e da religião, tenho como os palestinos direito de viver em um país independente, em minha terra, com minha nação.*

*O que o senhor tem a dizer a respeito do apoio bélico dado pelos Estados Unidos ao exército de Israel e qual foi a posição de Israel sobre a ocupação do Iraque?*

*Podemos agradecer aos Estados Unidos por nos apoiar, senão, nós não haveríamos resistido, porque tivemos que lutar contra países ricos, com petróleo, com milhões de dólares que podiam adquirir, como de fato receberam da União Soviética, qualquer quantidade de armamento. Se os senhores lêem a estatística, inclusive de hoje, só a Síria tem mais aviões e tanques que Israel, uma nação pequena que lutou em 1947 e 1967, e nessas guerras não tivemos apoio dos Estados Unidos. Ganhamos, não podemos nos dar ao luxo de perder uma guerra. Recebemos apoio, mas se não o tivéssemos, lutaríamos igualmente pela nossa vida. Isso não quer dizer que os outros não receberam apoio. Peço que não me venham com esse tema como se fosse uma acusação, não temos vergonha, e os nossos inimigos dão apoio uns aos outros e são mais ricos que nós. No caso da guerra do Iraque, Israel apóia os Estados Unidos, pois vemos como uma guerra continuada contra o terror.*

*O que o senhor tem a declarar sobre a desobediência de militares israelenses, principalmente, no que concerne à criação do muro?*

*Aí tem duas perguntas, a desobediência dos soldados israelenses e a questão do muro. Não vêm junto porque não são soldados que estão construindo a cerca. Israel é um país democrático onde há pacifistas, gente que está contra as decisões do governo. Quando falamos de soldados, falamos de pessoas como eu; somos todos soldados da reserva e quando foram publicadas algumas manifestações de soldados, são somente de soldados da reserva, que votam, pensam e expressam sua opinião. Não tem nenhum problema com o soldado desde que não desobedeça a uma ordem legítima. Qual*

*a ordem legítima? Acadêmicos que vão aos quartéis israelenses encontram soldados que não estão de acordo, que não querem servir nos territórios ocupados porque são contra e desobedecem. No momento em que ele não quer obedecer à ordem dada por um governo legítimo, discutida em corte legítima, aberta a jornalistas de todo o mundo e publicadas, aí está o problema. Há pessoas que, nesses casos, são julgadas e condenadas a trinta dias de prisão e outras coisas, mas não têm muitos. Há casos que fazem barulho no mundo e são parte da democracia israelense, e não das acusações de que somos nazistas. O povo palestino vive muito bem quando não está autorizando o terror, a solução está em suas mãos. Repito para Abu-Sharif escutar: o povo palestino podia ter seu Estado, o problema é o terror.*

A violência aumentou com a eleição de Sharon, antes Rabin e Arafat receberam o prêmio Nobel da Paz. Não seria Sharon o obstáculo à paz?

*Rabin e Arafat receberam o Prêmio Nobel pela intenção da paz. A paz não chegou por causa do terror, e quando falamos da onda de terror que aconteceu em setembro de 2000, falamos de Barak, não do governo de Sharon. Ela começou por ordens de Arafat e temos provas. Publicamos na mídia documentos assinados por ele apoiando com finanças o terror. Repito: Arafat encontrou uma desculpa, ordenou uma onda de terror muito antes de Sharon ser Primeiro-Ministro. Sharon esperou quase um ano para mandar os soldados israelenses ao território palestino, porque antes não havia ocupação. Esses são os fatos.*

Qual a solução do governo israelense para Jerusalém? Como o senhor vê a questão dos assentamentos israelenses ilegais e como o Estado de Israel pretende tratar os refugiados palestinos?

*São três pontos bem específicos. Jerusalém é um assentamento de refugiados e até agora não tem nenhuma proposta. Tinha uma proposta que Arafat recusou em Camp David que tratava também sobre Jerusalém e desde aí não tivemos mais negociações. A posição do governo de Israel é de que Jerusalém é e continuará sendo a capital do Estado de Israel, sem divisão. Vamos manter todos os direitos de religião para os muçumanos, católicos, armênios, como existe hoje. Jerusalém, entretanto, sempre foi a capital de Israel e será a capital de Israel, apesar de as Nações Unidas não reconhecerem. Jerusalém jamais foi capital do Estado palestino ou de qualquer outro país árabe porque o Estado palestino jamais existiu na história. Quando os árabes dominaram a Terra Santa, Jerusalém não foi capital de nenhum Estado, os árabes não fizeram de Jerusalém capital até hoje. Agora, isso não quer dizer que não podemos negociar uma saída. Jerusalém é sagrada para judeus, muçulmanos e cristãos, mas foi capital só de judeus. Há muitas cidades sagradas no mundo Islâmico que não são capitais: Meca, Medina, Qum e outras. Então, os palestinos querem fazer de Jerusalém uma capital e o que fizemos nós? Depois da guerra da independência, Jerusalém ficou em mãos árabes e não foi capital do Estado palestino, nem de Jordânia nem de ninguém, não foi declarada capital. Nós tomamos uma colina em frente a Jerusalém, estabelecemos a nova cidade em Jerusalém, fizemos parlamento, governo e temos a capital em Jerusalém. Os palestinos podem fazer o mesmo se quiserem, vamos negociar; mas, para negociar, tem que deixar o caminho do terror. Não temos a responsabilidade de fazer de Israel outro país árabe com 4 milhões de refugiados palestinos. A outra questão é sobre os assentamentos ilegais. Por que ilegais? Ilegal para mim significa que não têm autorização do governo. Tem assentamentos que estamos discutindo com os palestinos, mas 99 por cento dos assentamentos, do meu ponto de vista, são*

*legais. Quando negociamos com os palestinos sobre a fronteira no tempo de Barak, fizemos algumas propostas, intercâmbio de territórios. Para mim, é legal viver em um assentamento. Segundo o embaixador da Palestina, também foi ilegal. Agora estão prontos a reconhecer parte como legal, mas, para mim, eu repito, o problema principal é cada um dizer que a terra é sua e provamos, como dei o exemplo da cidade de Jamite, que os assentamentos não são um obstáculo à paz - o assentamento não matou ninguém. Terrorista, sim.*

Pedimos que o Embaixador comente sobre o muro que Israel está construindo e a condenação por parte da comunidade internacional a essa prática do governo israelense.

*A questão do muro ou da cerca é muito emotiva e custa muito dinheiro. Se não tivéssemos o problema principal, não teríamos que construir essa cerca, que tem só um propósito: o de defender a vida humana e de impedir a passagem de terroristas. Está ao redor da fronteira de Israel, de assentamentos judeus, porque as pessoas que vivem nestes assentamentos merecem viver, merecem proteção. É uma cerca que tem somente cinco por cento que é muro. Esse muro está sendo construído sobre terrenos que não têm disputas de fronteiras. Quando tivermos um acordo de paz, quando formos definir as fronteiras, a cerca não vai ser um obstáculo, se pode mover. No momento, não encontramos outra solução contra o terror, porque a autoridade palestina não faz nada. A cerca já provou a sua eficiência: temos cercas na fronteira com o Líbano, na Faixa de Gaza; temos uma cerca a cento e trinta quilômetros ao norte de Israel. A cerca não impede totalmente os terroristas de entrar em Israel, mas é uma maneira eficaz para apoiar a luta contra o terror. Não entendo a crítica, inclusive das Nações Unidas, ao direito de Israel lutar contra o terror inumano, criminoso, e defender a vida de seus cida-*

*dãos. Não entendo, como não entendo muitas decisões das Nações Unidas, e isso não quer dizer que vamos deixar a nossa vida nas mãos das Nações Unidas. A única crítica que entendo é o que dizem também os palestinos (só entendendo como crítica, certo!), é que essa cerca não significa uma negociação. Repito que o propósito dessa cerca não é anexar o território, senão proteger pessoas ameaçadas, que vivem dentro e fora da fronteira de 1967.*

Qual a origem dos recursos do poder bélico do Estado israelense?

*Não tenho segredo, tudo está aberto. Nós só conseguimos ser David contra centos de milhões de árabes e de países que conclamam a destruição de Israel porque todos estamos mobilizados. Isso é um peso sobre a economia, a vida de cada um, os reservistas, porque é o único modo de podermos lutar, não contra palestinos, senão contra países árabes que tratam de destruir Israel. E, como disse, países que têm recursos enormes. Temos que viver nos defendendo e é o apoio dos Estados Unidos que mantém vivo o esforço de cada cidadão. Podemos sim repetir que todo esse tema de segurança poderia chegar a um acordo de paz. Se não vamos lutar e estar em alerta permanente, poderíamos viver - palestinos, israelenses - num paraíso. Só em imaginarmos os gastos acumulados durante todos esses anos, bilhões e bilhões de dólares, as mortes... Se tudo isso fosse investido em construção em vez de destruição, que tipo de paraíso poderíamos ter?*

Esses recursos provêm do Exterior ou são somente dos recursos do governo israelense?

*Se alguém está interessado nas estatísticas, Israel e Egito têm o maior apoio de outros Estados do mundo. Israel recebe a cada ano mais ou menos 3 bilhões de dólares. O Egito, depois da guerra do Yon Kipur, do acordo de paz, 2,2 bilhões de dólares anuais. Isso é muito menos do que recebe de Estados*



*que chamamos de natos. Por exemplo, isso não é suficiente nem para o Egito, nem para Israel, mas com certeza é mais de trinta e três por cento do orçamento anual para a defesa de Israel. O exército de Israel, exército de reservistas, são pessoas que deixam de trabalhar um mês por ano, um preço enorme, totalmente desnecessário se não existissem guerras, ameaças e terror no mundo. Estou sentindo que estão tentando demonstrar que Israel é um país colonialista mantido pelos Estados- Unidos e que não tem direito de existir. Conheço todos os argumentos.*

Como a diplomacia israelense explica o episódio dos mísseis lançados contra a Síria?

*A pergunta é como durante quarenta anos ninguém, na comunidade internacional, perguntou como é que um país permite que exista organização terrorista abertamente em seu território. É o caso de Damasco, Bagdá, Líbano... Quando houve o atentado horrível, se mataram vinte e duas pessoas na Faixa de Gaza e apareceu uma organização terrorista em Damasco que declarou: "Somos os heróis; nós fizemos isso". Então, merece uma resposta e a resposta não foi matar ninguém, só uma luz vermelha para os sírios de que não podemos deixar atuar as organizações terroristas contra Israel e que elas não vão ficar impunes. Não vamos deixar que nos matem sem responder e, ainda mais, quando a comunidade internacional não condena. Vamos nos proteger.*

O senhor não acha que a política de Israel para com os palestinos repete os métodos nazistas e que por isso Israel está perdendo a batalha da opinião pública mundial e reforçando o preconceito contra o povo judeu?

*O preconceito contra o povo judeu existe, senão, não existiria essa pergunta. Os que dizem que somos nazistas, e querem defender essas teses e demonstrar que Ramalla é um campo de concentração, como disse um Prêmio Nobel, não conhecem Ramalla ou não conhecem um campo de con-*

*centração, não conhecem israelenses e, talvez, não conheçam palestinos. Para poder acusar Israel dos métodos dos nazistas, primeiro tem que desconhecer os nazistas; segundo, desconhecer os métodos israelenses e terceiro, não importa o que estamos fazendo, nos acusarão de crimes e dirão que somos ilegítimos. Não temos direitos, nós, colonialistas, imperialistas, estrangeiros que queremos dominar outro povo, outro território. Somos criminosos, não temos direito de viver e de lutar, têm que nos aniquilar. Nem posso contestar porque não tenho palavras para dizer que não somos nazistas e o que acontece nos territórios ocupados... Não há comparação, não tenho palavras! A situação, porém, está aberta ao público, menos aos israelenses. Por que um jornalista israelense não pode entrar nestas áreas? Porque qualquer israelense que entra nos territórios corre o risco de ser linchado. Isso passou (e está passando) e não podemos proteger todos os israelenses. Por isso, depois do linchamento de três soldados israelenses pelo Ramalla (o linchamento foi filmado pela televisão italiana), outros israelenses chegaram e não saíram vivos dos territórios. Nenhum israelense poderia entrar nos territórios, mas árabe pode entrar em Israel, aí ele não está ameaçado... Sim, tem que passar num bloqueio, para ver se não está armado, se não tem bomba. Como demonstramos, tem terroristas, explosivos, bombas, munições e armamentos que eles tentam introduzir em Israel. Inclusive foi confirmada pela Cruz Vermelha Internacional a existência de terroristas e de bombas dentro das ambulâncias palestinas. Por isso, os jornalistas israelenses não podem entrar, outros sim. Isso não quer dizer que os outros, por exemplo, possam entrar todo tempo, mas qualquer jornalista do mundo pode ver o que acontece e como vivem... Está certo, hoje a situação dos palestinos não é agradável, a dos israelenses não é agradável, mas ninguém fala do direito de meninos israelenses de ir para as discotecas ou escolas. Eles são os alvos. Quem utiliza esses métodos merece muitos nomes, mas não vou falar disso.*